

MOISA APARECIDA DA SILVA



O ENSINO DE ARTES VISUAIS E A MULTICULTURALIDADE

BELO HORIZONTE

2011

MOISA APARECIDA DA SILVA



O ENSINO DE ARTES VISUAIS E A MULTICULTURALIDADE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Juliana Gouthier Macedo

BELO HORIZONTE

2011

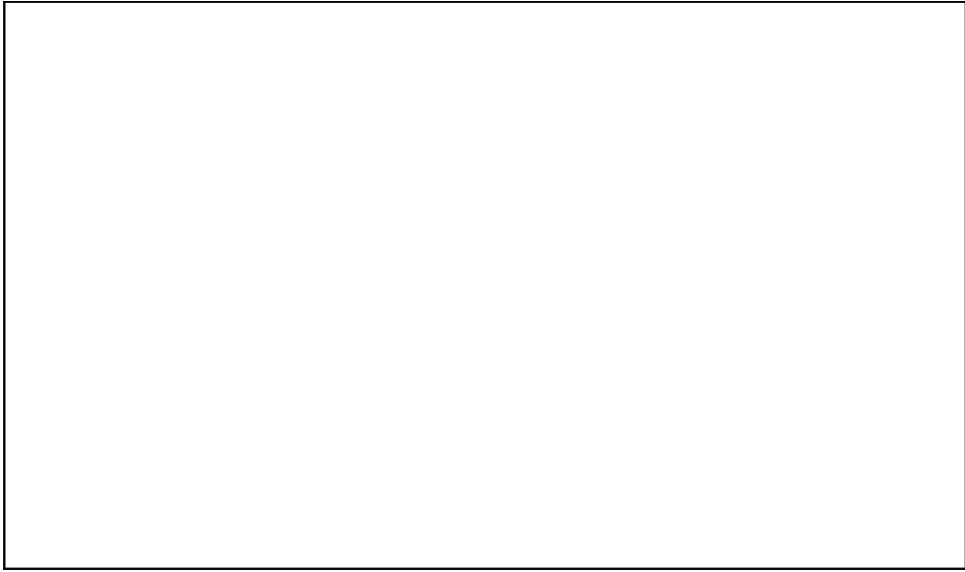
Silva, Moisa Aparecida da.

O ensino de Artes Visuais e a Multiculturalidade: Especialização
Em Ensino de Artes Visuais / Moisa Aparecida da Silva. – 2011
22 f.

Orientador (a): Juliana Gouthier Macedo

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista
em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Macedo, Juliana Gouthier II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III.
Título.





Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *O Ensino de Artes Visuais e a Multiculturalidade*, de autoria de Moisa Aparecida da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Juliana Gouthier Macedo (orientadora)

Prof. Amir Brito Cadôr - EBA/UFMG

Belo Horizonte, 07 de outubro de 2011

"A arte alimenta-se de ingenuidades, de imaginações infantis que ultrapassam os limites do conhecimento; é aí que se encontra o seu reino. Toda a ciência do mundo não seria capaz de penetrá-la."

(Lionello Venturi)

RESUMO

Este trabalho apresenta um panorama do ensino de Arte, do período colonial aos dias de hoje. A temática em questão integra o multiculturalismo, mostrando as limitações em abordar a diversidade cultural. Assim, por meio de uma pesquisa de campo, com alunos do ensino médio de Campos Gerais, é possível entender como uma formação em Artes Visuais se faz importante.

Palavras-Chaves: Artes Visuais, Arte, multiculturalismo, aluno.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Impressão de minhas mãos em um pano de prato.....	08
---	----

SUMÁRIO

	Introdução.....	06
1	A história do Ensino de Arte.....	07
1.1	Contextualizando.....	09
2	Dialogando com o multiculturalismo.....	12
2.1	Minha prática no curso de Especialização em Artes Visuais.....	13
2.2	Alguns exemplos de planos de aula.....	14
3	Outros personagens.....	17
3.1	Escola/aluno.....	18
	Considerações finais.....	20
	Referências.....	21
	Apêndice.....	22

Introdução

Quando falamos em multicultural estamos designando a “pluralidade cultural”. Há muitas questões que norteiam os diferentes grupos culturais, conferindo identidade às pessoas, abordando as diferentes etnias, nacionalidade, naturalidade, classe social e região.

Assim sendo, observa-se que em uma educação multicultural é preciso entender a diversidade multiculturalista, valorizando a diversidade étnica e cultural em nossa sociedade, incluindo valores e questionando todo tipo de discriminação existente.

É preciso estar consciente de nossos vínculos culturais, sendo capaz de perceber nossos alunos como pessoas que possuem identidades individuais, que merecem ser respeitadas. Percebe-se na sociedade uma visão de que a escola é feita para estabelecer um determinado padrão. Porém, através de uma reflexão mais aprofundada, amplia-se a possibilidade de respeito entre o conhecimento e a diversidade cultural (PEREIRA, 2008).

No primeiro capítulo, a partir da minha trajetória escolar, será abordada a história do ensino da Arte até os dias atuais, como estratégia de entender, historicamente, algumas das minhas – e de outros educadores - dificuldades em perceber questões sobre o ensino de Arte e como ela pode ser trabalhada, superando concepções pré definidas. Paralelamente, é proposta a discussão sobre a necessidade de uma abordagem multicultural.

No segundo capítulo há uma contextualização do que está sendo tratado como multiculturalismo e uma reflexão da minha prática no curso de Especialização em Artes Visuais. Nessa oportunidade são analisados três planos de aula elaborados no início do curso, que revelam, na prática, alguns desafios para se efetivar propostas de ensino multiculturais.

No último capítulo é discutida uma pesquisa de campo, realizada em uma escola de Campos Gerais. Através dessa, feita por meio de um questionário no qual o aluno responde sobre os assuntos estudados, percebe-se questões fundamentais para a compreensão do ensino de arte, enfatizando também como ainda estamos longe de uma efetivação de uma abordagem muticultural.

1. Breve história do Ensino de Arte

Em nossa vida há sempre algo novo a se aprender, principalmente como professores. Na minha trajetória docente, tenho contato com novas informações que, constantemente, quero saber como transformá-las em aprendizado, em conhecimento.

A ideia de estudar Artes Visuais¹ surgiu como uma perspectiva de um novo campo educacional para minha atuação. Além de propiciar mais uma opção curricular para lecionar ajudou, e muito, em meus ideais como professora de Português, como por exemplo, a construção de vídeos para enriquecimento dos conteúdos. Nesse espaço de tempo trabalhei com meus alunos a construção de vídeos no “*Movie Maker*”² sobre as poesias da primeira geração romântica. Além dos motivos expostos, escolhi cursar uma Especialização em Artes Visuais em busca de novas estratégias metodológicas, para tornar o aprendizado não imposto, mas significativo e também para poder discutir com meus alunos questões relacionadas a esse campo do conhecimento.

Ao cursar a Especialização em Artes Visuais foi possível perceber que a Arte³ não se limita a um simples desenho ou à produção de objetos ou decoração para datas comemorativas, como, de alguma forma, me foi apresentada durante a minha educação básica. Em uma aula de Arte é possível, a partir dos conteúdos desse campo de conhecimento, desenvolver atividades que despertem o interesse do aluno, proporcionando, ao mesmo tempo, uma visão interdisciplinar. Nessa perspectiva, o aluno poderá tanto criar, apreciar, contextualizar e refletir.

Ao observar minha trajetória é possível identificar que o ensino de Arte sempre foi tratado como uma disciplina sem significação. Nas séries iniciais do ensino fundamental as aulas eram focadas em datas especiais. No dia das mães, por exemplo, fazíamos sempre um desenho de coração ou alguma pintura, sem

¹

²¹ Artes Visuais: É a prática da arte a “olhos vistos”, ou seja, a pintura, a escultura, o desenho entre outras, é tudo aquilo que você idealiza e consegue transformar em algo palpável.

² Movie Maker: Programa que permite adicionar efeitos de transição, textos personalizados e áudio em filmes.

³ Arte: Atividade humana de ordem estética, representada por artistas, com o objetivo de transpor emoções e ideias.

muita relação com o conteúdo de Artes Visuais, para homenageá-las. Eram trabalhos que não iam além do simples fazer. Somente seguíamos um passo a passo. Um trabalho que me lembro, e que minha mãe tem guardado até os dias atuais, é uma impressão de minhas mãos em um pano de prato, com um forte significado afetivo, mas que em sua realização não envolveu questões artísticas.



Imagem 1

Nas séries finais do ensino fundamental, na disciplina que chamávamos de Educação Artística⁴, fazíamos dobraduras, colagens, pergaminhos, figuras geométricas, mosaicos, escultura de letras do alfabeto e desenhos diversos. As atividades eram descontextualizadas, focadas apenas no fazer e sem envolver referências da produção artística contemporânea e/ou histórica. No ensino médio a disciplina já se chamava Arte, mas seguia o mesmo padrão de ensino visto nas séries finais do ensino fundamental. Nessa época um fato que me chamou atenção foi a construção de uma capa criativa para nosso caderno de Arte. Como eu gostava de ponto cruz construí uma capa com estes pontos, com uma casa e uma floresta em volta. Foi um trabalho bem prazeroso e que também valia ponto, mas não passou de uma atividade de desenho livre, sem que fosse abordado qualquer questão relacionada com a arte e obras artísticas ou em diálogo com alguma

⁴ Educação Artística: Nome que era dado ao ensino de arte pela LDBN de 1971, alterado pela LDBN de 1996 para Arte. A Educação Artística pressupunha uma formação polivalente dos professores, que deveriam trabalhar com todas as expressões artísticas.

referência sobre arte/estética.

Hoje em dia percebe-se em algumas escolas de educação básica um ensino de Arte diferente de quando eu era aluna, com relações com a História da Arte, artistas de épocas distintas e a realização de feiras ou mostras dos trabalhos dos alunos. Mas, como em qualquer área, a sua abordagem está vinculada ao professor que leciona. Apesar de a legislação ter mudado e de investimentos na formação de professores e em materiais didáticos, dentro de abordagens contemporâneas, os avanços ainda são pequenos.

Há muitos meios para que se possa alcançar um ensino de Arte com significação. Das propostas de aulas que elaborei durante o curso de especialização em Artes Visuais destaco: “A Arte por meio da recriação” e “Abaporu (aba, homem; paru, que come carne humana, o antropófago)”. Dentre outros não citados, esses exercícios ajudaram na construção de outro olhar sobre essa disciplina. Assim, ao cursar essa especialização, a partir de uma maior compreensão das várias manifestações artísticas presentes em nosso meio, pude perceber algumas das possibilidades dessa disciplina na formação do aluno, e de poder abordá-la em projetos interdisciplinares, unindo diferentes campos do conhecimento.

Nessa perspectiva, minha trajetória se relaciona com o processo da própria história do ensino de Arte no Brasil. Apesar de importantes avanços, é um campo relativamente novo e a maioria das pessoas não teve a oportunidade de acesso às suas pesquisas e conquistas. Assim, para entendermos melhor o que vivenciamos atualmente, é importante conhecer as suas raízes históricas.

1.1. Contextualizando

O ensino de Arte no Brasil possui alguns marcos significativos, passando pelo sistema colonial, imperial e republicano, com importantes reformas até chegar ao que temos hoje, no mundo contemporâneo. O currículo, por exemplo, passou por mudanças ao longo do tempo, e a Arte apareceu pela primeira vez na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI nº. 5.692) em agosto de 1971, na época caracterizada como atividade.

No período colonial os jesuítas organizaram o primeiro sistema de ensino

formal do Brasil. Nessa época, segundo alguns pesquisadores, como Ana Mae Barbosa (2011), o ensino de Arte acontecia nos quilombos e através dos mestres em oficinas, diferentemente do ensino formal, que privilegiava a elite.

Com o passar do tempo e com a expulsão dos jesuítas do Brasil o cenário se modifica com a presença da corte de Dom João VI e da Missão Francesa, que

trouxeram marcas profundas nas referências estéticas do país, com substituição do barroco brasileiro pelo Neoclassicismo. Joaquim Lebreton, egresso do Instituto de França, liderou o grupo de artistas e artífices franceses que chegou no Rio de Janeiro em março de 1816 para organizar o ensino de Belas-Artes no Brasil. Com proposições essencialmente técnicas, o grupo chegou para criar a escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, voltada para o ensino de ofícios artísticos e mecânicos. A instituição, quando começou a funcionar, passou a se chamar Academia Imperial de Belas-Artes, com conteúdos focados na formação artística. (GOUTHIER, 2008, p.34)

Mais tarde, com a instauração da República, o ensino de Arte ganhou espaço, mas ainda se limitava ao Desenho. Já na década de 1920, a Semana de Arte Moderna provocou reflexos na educação, com um discurso pautado na valorização da identidade nacional. Porém com a ditadura de Getúlio Vargas há uma perda da educação que começava a se reorganizar com a retomada democrática quando os avanços são abortados com outra ditadura, instituída com o golpe militar, em 1964. Em 1971, o currículo estabelecia a Educação Artística como atividade em escolas primárias e secundárias, partindo do pressuposto da polivalência, com os professores tendo que atuar em qualquer campo das artes. Somente em 1996 a nova LDBN (Lei nº 9.394) extingue a Educação Artística e reconhece o ensino de Arte como obrigatório, distinguindo as quatro expressões, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Na maior parte desse percurso, o ensino de Arte ficou voltado quase que exclusivamente para o desenho, com fortes influências norte-americanas e européias. Como já citado, a identidade nacional ganhou algum fôlego após as produções artísticas destacadas principalmente pela Semana da Arte Moderna. Hoje a Arte, reconhecida como fundamental para o desenvolvimento das crianças e jovens, é componente curricular obrigatório na educação básica, com as expressões abordadas dentro de suas especificidades, compreendidas também como competência de professores especialistas em cada uma delas, como as Artes

Visuais, a Música, o Teatro e a Dança. Porém, apesar de o currículo começar a ser articulado em cima da área do conhecimento, voltado para uma abordagem da arte como expressão e cultura, percebe-se que as aulas ainda se restringem a atividades descontextualizadas.

Assim, para muitos professores ainda é difícil pensar a Arte com seus conteúdos, que vão muito além de técnicas, como o desenvolvimento sistemático da análise artística, crítica, histórica e estética. Como Barbosa (2003) sistematiza na Abordagem Triangular, defendendo aulas pautadas na produção, mas também na apreciação e na contextualização (p.9).

Isso ficou claro, por exemplo, na minha trajetória de ensino de Arte, quando as aulas ficavam presas em datas comemorativas e, quando muito, em alguns artistas famosos, como Leonardo da Vinci e Pablo Picasso. Uma questão que emerge é o motivo de não termos tido a oportunidade de conhecer artistas brasileiros e, na sequência, se hoje, nas escolas a situação é diferente. Será que hoje em dia o repertório de obras e artistas é mais amplo? O que os professores de Arte lecionam atualmente? Qual o lugar da cultura brasileira nas referências artísticas ensinadas/aprendidas nas escolas? Será que há uma preocupação com a multiculturalidade?

2. Dialogando com o multiculturalismo

A multiculturalidade no ensino de Arte no Brasil, segundo Barbosa, é algo que vem chamando atenção nos dias atuais, sendo assim é importante salientar que:

Multicultural não é apenas fazer cocar no dia dos Índios, nem tão pouco fazer ovos de Páscoa ucranianos, ou dobraduras japonesas, ou qualquer outra atividade clichê de outra cultura. O que precisamos é manter uma atmosfera investigadora, na sala de aula, acerca das culturas compartilhadas pelos alunos, tendo em vista que cada um de nós participa no exercício da vida cotidiana de um grupo cultural. (1998, p.93)

De acordo com a pesquisadora, um currículo baseado no multiculturalismo se faz fundamental para o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, diante da diversidade cultural existente nas escolas, o currículo deve ser mais amplo e dinâmico no que diz respeito às diversidades culturais.

Isso se relaciona com os Parâmetros Curriculares Nacionais que diz:

(...) entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais... Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. (BRASIL, 1997, p.44)

Por sua vez, Richter (2002) salienta que o multiculturalismo surgiu no final dos anos 70 como projeto pedagógico, nos países com um Estado social desenvolvido e em uma escola pública que sabe como lidar com a diversidade cultural trazida de casa. Esse movimento valoriza o conhecimento da realidade e do contexto sócio-cultural em que cada aluno está inserido, com o professor assumindo um trabalho de valorização e respeito às várias manifestações culturais, à diversidade de etnias, costumes e valores, possibilitando a construção do conhecimento a partir do que cada um já traz de “bagagem”.

Nessa perspectiva, a Arte não pode ser reduzida somente a conteúdos que priorizem uma determinada expressão cultural. Como Barbosa (2002) salienta, o ensino de Arte deve se abrir as questões multiculturais. É o que também é ressaltado por Peregrino (1995 *apud* ELISA LOP, 2008, p.152), ao citar as duas tendências que, para ela, devem compor os programas voltados para arte-educação,

as da produção cultural dominante e a estimulada pela cultura popular, a que preserva as tradições. No entanto, o que se vê na prática é que não há um estímulo à discussão das diferenças, a uma comunicação entre ambas, quando, segundo a autora, é preciso que se estimule no aluno a conhecer a cultura popular, mas sem deixar de lado a cultura erudita⁵.

2.1. Minha prática no curso de Especialização em Artes Visuais

Seguindo esse pensamento é importante destacar que, durante toda minha vida escolar, o ensino de Arte se predispunha por atividades que não promoviam ou tinham ligação entre as culturas populares e eruditas. Não havia também uma preocupação em valorizar ou mesmo reconhecer, a identidade de cada aluno. Não havia qualquer preocupação formal com a multiculturalidade.

Ao iniciar a especialização em Artes Visuais mantinha a ideia de que a Arte era uma disciplina voltada a datas comemorativas e obras famosas. Sequer suspeitava da sua importância como expressão da diversidade cultural. As disciplinas estudadas estavam sendo desenvolvidas, mas mesmo assim, eu não conseguia perceber esses detalhes tão significativos. Como exercícios, cheguei a elaborar alguns planos de aula, quando mantive uma visão prática de releitura, colagens, debate sobre artistas importantes, sem um olhar para diversidade cultural brasileira e para questões relacionadas às pesquisas e pensamentos artísticos.

Apesar de estudando o Ensino de Arte, ainda estava imersa nas minhas experiências pessoais, claramente restritas. Para avançar nas minhas concepções, foi preciso revê-las, repensá-las criticamente à luz do que Barbosa (1994 *apud* ELISA LOP, 2008, p.153) salienta como imprescindível: o acesso às informações de diversas classes e grupos sociais. Ou seja, investir na construção de um conhecimento multicultural, que deve reforçar as heranças artísticas e estéticas dos alunos com o meio em que vivem, possibilitando também a convivência com outras referências, com a diversidade cultural.

⁵ Cultura erudita: Que está ligada à elite, cultura que a sociedade valoriza como superior ou dominante.

2.2. Alguns exemplos de planos de aula

Como foi dito anteriormente, elaborei diversos planos de aula durante o curso, mas, somente aos poucos comecei a perceber o quanto certos preconceitos, persistiram nas minhas produções, provavelmente por esses terem se consolidado em minha vida escolar.

Para explicar essa percepção serão analisados dois planos de aula construídos nesse período. Destaco o plano de aula que tem como tema “A Arte por meio da recriação”, destinado ao Ensino Fundamental II. Ao usar referências de obras famosas como: Monalisa, de Leonardo da Vinci; Auto-retrato, de Pablo Picasso; L.H.O.O. Q, de Marcel Duchamp; O grito, de Edvard Munch, é possível estimular os alunos, através da recriação, imprimindo sua marca pessoal ao trabalho fazendo que os mesmos venham a avançar na compreensão de concepções sobre a arte. A princípio, o que seria uma atividade para se construir algo, a partir de uma obra, ou seja de uma releitura, ganha outra concepção. Ao desenrolar do trabalho fica evidente que os alunos se envolvem para além da comunicação. Assim a proposta pode ter um alcance mais amplo ao servir como base para se discutir o processo de criação, destacando a marca pessoal de cada aluno em seu processo criativo.

A sequência de atividades seria inicialmente com o professor apresentando aos alunos algumas das obras de arte sugeridas. Em seguida, um debate com as características presentes nas obras, sobre o processo criativo dos artistas e as modalidades que trabalhou. Após essa atividade seria proposta uma pesquisa dos alunos sobre a vida do artista e de sua obra, para compreensão do que acontecia no mundo na época. Finalizando, os alunos criariam uma releitura sobre a obra escolhida, a partir de colagens e materiais diversos. A avaliação acontece com a análise dos trabalhos dos alunos, sem comparação com as obras de referência. É importante que haja uma auto-avaliação, garantindo à turma a oportunidade de identificar, apreciar e interpretar as ‘releituras’, construindo argumentações para a escolha da obra e sobre as experiências vivenciadas na realização do trabalho.

Nesse plano de aula I, verificam-se abordagens sobre obras famosas, sendo que o principal objetivo é discutir o processo de criação destacando a marca pessoal

de cada aluno por meio da criatividade. É importante verificar que esse plano de aula tem um padrão de referência fechado, sem abordar as produções brasileiras, a produção contemporânea e países fora do eixo Europa/EUA. É necessário refletir que nossas escolhas, como professores, precisam sempre ser muito bem fundamentadas, pensadas, para não ficarmos repetindo constantemente, por exemplo, artistas como Leonardo da Vinci, Pablo Picasso, Marcel Duchamp, Munch e outros, simplesmente por serem famosos. Verifica-se, no entanto, que por meio dessa atividade o aluno, usando procedimentos próximos ao desse ou daquele artista, criará seu próprio trabalho artístico, sem pretensões de se fazer “obras de arte”, mas exercícios.

O segundo plano de aula trabalhado, “Abaporu (aba, homem; paru, que come carne humana, o antropófago)”, foi direcionado ao ensino médio. A partir da apresentação e de um debate sobre a importância da obra Abaporu, da pintora Tarsila do Amaral, contextualiza-se que, para alguns críticos, a obra representa a crença dos índios antropófagos de que, ao devorarem o inimigo, estariam assimilando suas qualidades. Uma visão que se relaciona com o Manifesto Antropofágico⁶ para consubstanciar sua proposta de devorar a cultura, as técnicas e as estéticas de outras nações e, então, reelaborar a nossa cultura, criando uma identidade nacional.

Observando a obra em questão é importante ressaltar que a pintora Tarsila do Amaral é um dos ícones da arte brasileira e que por meio da combinação da arte européia e brasileira soube, também de acordo com alguns críticos, transparecer em suas obras a expressão popular. Analisando este contexto, é importante frisar que esta obra é recorrentemente abordada nas escolas, proporcionando uma investigação educacional riquíssima, ao possibilitar discussões nas áreas da Literatura, envolvendo a Semana da Arte Moderna, das formas e cores no campo da Arte e ainda da História.

A obra Abaporu mostra alguns aspectos da cultura brasileira, começando pelo próprio nome, em tupi-guarani. Fazendo parte do Movimento Modernista, Tarsila do Amaral, junto a vários outros artistas, fomentou a discussão sobre a valorização da cultura brasileira, importante tema a ser discutido com nossos alunos. A figura que, por algum momento, pode parecer estranha possui uma forma que chama atenção,

⁶ Manifesto Antropofágico: Manifestação artística brasileira da década de 1920, fundada e teorizada por Oswald de Andrade.

com seu corpo grande e a cabeça pequena.

A atividade então segue pela reconstrução da obra de Tarsila do Amaral. Por meio de uma massa de modelagem (podendo ser argila ou massinha de modelar escolar) é sugerido que acrescentando ou retirando fragmentos, se modifique as proporções da imagem retratada na obra *Abaporu*. No final haverá um agrupamento das figuras construídas.

Nesse plano analisa-se que, na obra Tarsila Amaral chama a atenção por abordar questões do Modernismo e ter sido desenvolvida com influência da Semana da Arte Moderna. Sendo assim, o professor, ao pensar em um ensino de Arte, deve investir na diversidade cultural, buscando diferentes contextos, como afirma Barbosa (2003).

Finalmente, pode-se afirmar que esse plano abordou questões multiculturais ou ficou preso a um procedimento de releitura das obras? Há uma proposta de debate sobre a obra, abordando também a artista em questão. Mas, olhando por outro ângulo essa atividade poderia ter sido mais explorada problematizando, por exemplo, questões sobre a cultura popular e, fazendo comparações entre diferentes expressões culturais, abrindo um “leque” à diversidade cultural ao longo da história.

3. Outros personagens

Para uma maior compreensão acerca do ensino de Arte, foi realizado um trabalho de campo em uma escola de Campos Gerais, escola que cursei as séries finais do ensino fundamental e ensino médio.

A pesquisa foi realizada com 27 alunos do 1º ano noturno. Em um primeiro contato eles se mostraram participativos, mas pouco entusiasmados com a disciplina de Arte. Após a leitura do questionário e esclarecimentos de dúvidas debateram com os colegas as possíveis respostas, demonstrando insegurança. No entanto, poucos foram os questionamentos direcionados a mim. As perguntas foram respondidas em, aproximadamente, 20 minutos.

Dentro da primeira questão foi questionado sobre formação em ensino de Arte, se tiveram oportunidade de conhecer expressões artísticas. A maioria das expressões citadas foi de conhecimento dos alunos. Somente o cinema apresentou menor índice, o que pode ser atribuído à falta de uma sala de exibição em cidade ou ao fato de o aluno não associar a expressão a uma aula de vídeo. É interessante observar que dois alunos abordaram no item outras o *ready made*⁷, um termo novo dentro da minha perspectiva.

Quando se pergunta o que foi trabalhado nas aulas observa-se que quase 50% não se lembra de ter estudado movimentos artísticos de diferentes épocas e culturas, o que entra, de acordo com a minha formação, ausência de conhecimento multiculturalista existente. Seguindo, vemos que aproximadamente 57% não visitou ateliês e exposições.

Questionando se nas aulas foram abordados artistas ou produções artísticas de diferentes culturas, apesar de somente sete responderam não, os exemplos, demonstraram o contrário. Foram citados Monet, Picasso, Leonardo Da Vinci, Duchamp e Van Gogh. Além desses, somente dois alunos falaram de Aleijadinho e Portinari. Será que os artistas brasileiros se limitam a dois?

Finalizando se gostariam de ter acesso às produções artísticas de outras cultura, foram analisadas 12 respostas positivas. A maioria delas, bastante parecidas, eram: "Sim, porque o conhecimento sempre é bom" ou "Sim, aprender novas culturas nos faz crescer em nosso conhecimento." Os poucos exemplos citados diziam respeito às questões relacionadas com a produção indígena e africana.

⁷ *Ready made*: Estratégia que se refere ao uso de objetos industrializados no campo da arte.

3.1. Escola/aluno

Considerando o ambiente ao qual o aluno pesquisado está inserido é válido lembrar que a escola está situada na região central de Campos Gerais, atende de 6º ao 9º ano e ensino médio, divididos em três turnos, totalizando 1400 alunos, de classe média e baixa das zonas urbana rural. A escola possui uma biblioteca, sala de informática e um ambiente específico para se assistir filmes. Há painéis com fotos de alunos pela escola e cartazes com mensagens, por exemplo, de motivação. A sua infra-estrutura é bem conservada e suas paredes coloridas. Os alunos não têm oportunidade de frequentar cinema, teatro e museu, pois a cidade não oferece nenhum desses equipamentos. Cada turma tem de 30 a 45 alunos, dependendo da série. Lecionam a disciplina de Arte dois professores. Sobre o ensino de Arte, a escola investe no desenvolvimento de movimentos artísticos dos alunos, através de feiras e festivais musicais, de teatros e de danças.

Apesar disso, nota-se que os alunos não atribuem importância à Arte. Quando foi falado com eles sobre o questionário, se mostraram apreensivos, mas, no decorrer da sua aplicação não demonstrando muito interesse. Em alguns deles há respostas repetitivas e falta de cuidado com escrita. Na pergunta sobre se gostariam de ter acesso às produções artísticas de outras culturas, a maioria respondeu: "Não é muito chato".

O que torna esse quadro ainda mais desafiador é o fato de serem alunos do ensino médio. Se é na escola que poderiam ter algum acesso à Arte e isso não tem acontecido, a discussão de uma formação multicultural também fica comprometida. Nesse sentido, vale a pena refletir a partir das questões colocadas por Mason:

Questões de identidade nacional, cultural e individual são centrais no dia-a-dia tanto de alunos brancos como negros... novas estratégias são necessárias para combater as definições essencialistas de cultura, etnicidade e arte, e facilitar a discussão de formas em que os entendimentos e mal-entendidos *cross cultural* realmente ocorrem (2001.p.83).

Se segundo a autora, nossos alunos devem estar conscientes que a educação multicultural é determinada pela variação cultural, como discutir a questão sem uma formação em Arte de qualidade?

Considerações Finais

Analisando o olhar do aluno de hoje e minhas próprias dificuldades em

compreender a dimensão do ensino de Arte, pode-se perceber que há muito ainda o que fazer para que este campo de conhecimento seja, de fato, reconhecido como tal. E um dos caminhos é o de enfrentar as discussões para entender porque a maioria dos nossos alunos ainda persistem na ideia de que estudar Arte nada vai contribuir ao conhecimento.

Ao se falar em ensino em Arte verifica-se também que muitos professores continuam “achando” que este se limita a datas comemorativas e artistas que estão presentes na cultura americana e europeia. Como desafio posto, está o da formação mais ampla e um investimento que proporcione experiências artísticas a esses professores. Hoje, as pesquisas e trabalhos de estudiosos, como Ana Mae Barbosa, e documentos como os Parâmetros e o Currículo Básico Comum, da Secretaria de Estado de Educação, demonstram que estamos caminhando para a mudança.

E, nesse viés, não se pode minimizar a importância de uma educação multicultural, alertando para que os processos de ensino/aprendizagem não se limitem aos clichês culturais e que considerem também as manifestações populares e os contextos sócio-culturais de cada aluno.

A pesquisa revelou que os professores se preocupam com o ensino, mas não se tem conseguido provocar nos alunos uma compreensão da Arte como conhecimento. Respostas curtas e sem compromisso, como “muito chato”, mostram esse desinteresse. Trabalhar com artistas que estão dentro do contexto da cidade de Campos Gerais ou regionais poderia lançar uma nova concepção a esses alunos.

Após essas reflexões posso concluir que antes da realização desta Especialização em Artes Visuais, não era possível, com a minha trajetória escolar, desenvolver uma compreensão maior da Arte, bem como a importância de investirmos em currículos multiculturais. Como professora de Língua Portuguesa este conhecimento certamente me apoiará em aulas de Literatura, quando também poderei discutir com os alunos questões da Arte, proporcionando a eles a possibilidade de um conhecimento mais amplo, através de diálogos entre pensamentos artísticos, pesquisas e procedimentos presentes no Brasil e no mundo.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. “Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-

modernismo”. *Revista Digital Art&*. n.0, out. 2003. Disponível em: <<http://www.revista.art.br/site-num>>. Acesso em: 01 ago. 2011.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998, p.79-97.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

LOP, Elisa. *O multiculturalismo e o ensino das Artes Visuais no Brasil*. Visão Global, Joaçaba, v. 11, n. 2, p. 151-162, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/article/viewFile/499/240>> Acesso em: 21 ago. 2011.

MASON, Rachel. *Por uma arte-educação multicultural*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PEREIRA. Sônia Gomes. *Arte Brasileira no século XIX*. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

RICHTER, Ivone Mendes. “Multiculturalidade e Interdisciplinaridade”. In: BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002. p.85-93.

Apêndice

Questionário

Caro(a) aluno(a), você está recebendo um questionário que elaborei para conhecer melhor o ensino de Arte em Campos Gerais, como parte da monografia do curso de especialização que estou finalizando. Através dessas perguntas pretendo saber como foi o seu aprendizado na disciplina de Arte, durante o ensino fundamental e médio. Procure responder de forma objetiva e, caso tenha alguma dúvida, é só perguntar. Muito obrigada por sua participação,

Moisa

1. Na sua formação você teve a oportunidade de conhecer quais expressões artísticas?

	Sim	Não
Artes Gráficas		
Cinema		
Desenho		
Escultura		
Fotografia		
Gravura		
Pintura		
Vídeo		
Outras (escreva quais)		

2. Nas aulas foram trabalhados :

	Sim	Não
Apreciação, análise e crítica de imagens e objetos artísticos		
Movimentos artísticos de diferentes épocas e culturas		
Criação e construção de imagens		
Visitas a ateliês e exposições		

3. Nas aulas foram abordados artistas ou produções artísticas de diferentes culturas? Quais? Dê três exemplos: _____

4. Você gostaria de ter acesso às produções artísticas de outras culturas? Por quê? Dê exemplos, caso tenha respondido que sim.
